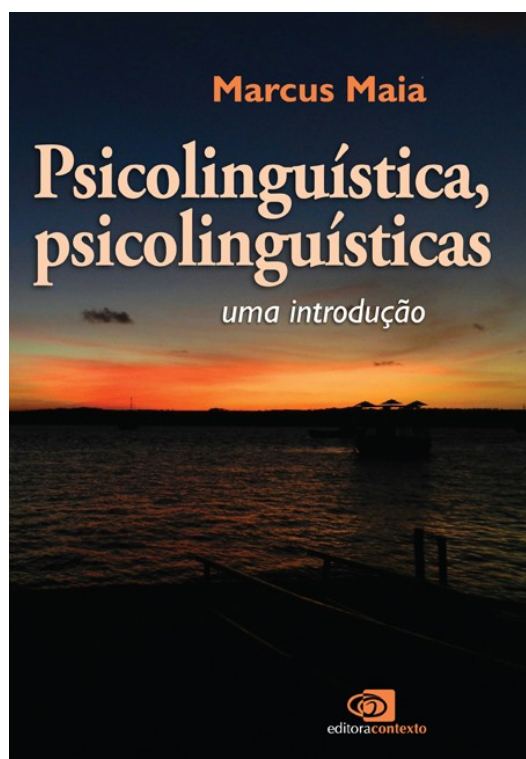


RESENHA/REVISIÓN/REVIEW



MAIA, Marcus. (Org.). *Psicolinguística, psicolinguísticas: uma introdução*. São Paulo: Editora Contexto, 2015. 208 p.

Gabrielle Perotto de S. da Rosa*

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS

Fernanda Schneider**

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – IFRS/Câmpus Ibirubá

A obra *Psicolinguística, Psicolinguísticas*, organizada por Marcus Maia, publicada em 2015 pela Editora Contexto, constitui-se de grande valor aos estudiosos iniciantes na área, uma vez que aponta os primeiros passos para aqueles que desejam percorrer algum dos caminhos contemplados na obra. O livro aborda diferentes perspectivas sobre o que pode ser estudado nessa ampla área de investigação. Disposto em 208 páginas, o volume é constituído de apresentação e treze capítulos, distribuídos entre temas da psicolinguística e suas relações. Os capítulos são independentes entre si, o que permite ao leitor seguir a leitura ou escolher os capítulos de seu interesse.

* Doutoranda em Letras (PUCRS). Professora de Língua Portuguesa redes Estadual e Municipal. Bolsista parcial CAPES. E-mail: gabiperotto@gmail.com.

** Doutoranda em Letras (PUCRS). Professora do IFRS/Câmpus Ibirubá. Bolsista parcial CAPES. E-mail: fernanda.schneider.001@acad.pucrs.br.

Na apresentação, o organizador destaca que a obra tem caráter introdutório e abrangente sobre os estudos cognitivos. Ele faz um breve relato histórico de como surgiu a Psicolinguística, desde Platão até Chomsky, e explica resumidamente o que o leitor encontrará em cada capítulo.

O capítulo inicial, intitulado *Processamento de Frases*, do próprio organizador, é introduzido pela pergunta “O que é Processamento de Frases?”. A partir dela, Marcus Maia explica que essa disciplina contempla o estudo do processamento que ocorre ao produzirmos e compreendermos frases. A partir de hipóteses teóricas e modelos de análise psicolinguísticas, estudaram-se situações de ambiguidade na tentativa de responder as seguintes questões: “Como se dá o processamento de frases em nossa mente?”, “Como analisamos na compreensão as frases para chegar a sua interpretação?” e “A análise sintática é influenciada por fatores semânticos, pragmáticos, discursivos, contextuais?”. Maia enfatiza o fato de que o estudo das ambiguidades estruturais é muito importante para a compreensão do processamento de frases. O autor apresenta o que o processamento de frases estuda e como estudar fenômenos partindo desse campo. Nesse sentido, Maia contextualiza o início dos estudos na metade do século XX (revolução cognitivista), quando se passou a priorizar, na década de 50, os processos cognitivos geradores dos produtos – e não somente os produtos, como era até então. Na sequência do capítulo, são apresentados um exemplo do estudo e as grandes linhas de investigações – como o curso temporal do acesso às informações sintáticas, semânticas, pragmáticas e discursivas no processamento de frases e a relação do processamento de frases com a Sintaxe Experimental.

No capítulo 2, intitulado *Computação Gramatical*, Leticia Sicuro Corrêa salienta a necessidade de situar os processos de produção e de compreensão da linguagem para compreender o que é Computação Gramatical. Nesse sentido, ela explica que qualquer ato de fala parte de intenção, seja ideia, pensamento, mensagem. Ao realizar essa intenção, recorremos ao nosso conhecimento linguístico – constituído de um léxico e de operações que combinam os elementos desse léxico, permitindo a sentença ou expressão linguística. Assim, Corrêa argumenta que a Computação Gramatical pode ser percebida como o processo que possibilita as unidades do léxico de uma língua serem combinadas por meio de operações que resultam em expressões linguísticas – passíveis de serem articuladas, recuperadas e interpretadas semanticamente pelo modo como são apresentados, em sequência, os elementos. Enfocando o que a Computação Gramatical estuda, a autora apresenta o conceito de *computação gramatical*, na concepção de *gramática formal*, pois trata-se de um conjunto finito de regras/operações aplicadas a símbolos de um vocabulário finito a fim de explicar a estrutura e a forma como se apresentam as sentenças ou expressões de uma língua. Corrêa explica que os estudos que utilizam a Computação Gramatical podem utilizar medidas comportamentais *off-line* e *on-line*, e destaca ainda duas grandes linhas de pesquisas: uma delas vinculada ao *paradigma simbólico* e a outra ao *paradigma conexionista*. Por fim, ela destaca o fato de alguns estudos partirem da modulação da computação em tempo real, mas essa ainda é uma questão que requer maiores evidências.

O capítulo seguinte, *Processamento Anafórico*, de autoria de Márcio Martins Leitão, inicialmente situa a área como uma subárea da Psicolinguística Experimental, especificamente, dos estudos em Processamento Linguístico. Nesse sentido, requer a compreensão do que é o Processamento Linguístico, e, principalmente, do termo *anafórico*. Assim, o autor chama a atenção para o fato de que a compreensão de como ocorrem os processos cognitivos automáticos (visão e audição, por exemplo) na mente-cérebro são investigados pela área de Processamento Linguístico. Em seguida, Leitão apresenta o termo *anafórico* como um elemento linguístico que tem a mesma referência de outro elemento já mencionado no texto; um elemento que fornece continuidade ao texto relacionado a outro elemento ou conjunto de elementos já mencionados. Explicadas essas noções, o autor salienta a importância desse estudo para a coesão e coerência textual, enfatizando a relevância desses estudos para a compreensão de patologias ligadas à linguagem. Desse modo, o Processamento Anafórico caracteriza-se pelo estudo dos processos cognitivos relacionados às relações anafóricas estabelecidas na produção ou na compreensão da linguagem. Leitão destaca gravações de fala espontânea e entrevistas como exemplos para o estudo e a análise das relações anafóricas na construção da coesão e coerência textuais. Ele cita duas grandes linhas de pesquisa: estudos no escopo da oração e estudos no escopo do discurso, destacando a importância dos estudos translinguísticos, no sentido de se poder comparar o Processamento Anafórico em diversas línguas.

No capítulo 4, *Processamento de Palavras*, Daniela Cid de Garcia explana sobre o conceito “processamento de palavras” como os processos que ocorrem na mente relacionados à representação e ao reconhecimento de palavras ouvidas e lidas. A autora descreve o conceito básico de *palavra* como unidade linguística mínima provida de sentido. Afirma que não é tão simples definir o que é palavra, visto que conhecer uma palavra implica conhecer uma série de informações de diferentes naturezas. Garcia também expõe

que o objeto do processamento de palavras é chamado de *listema*, a unidade linguística correspondente a uma entrada lexical, a menor unidade relevante para a computação linguística que se encontra estocada na mente dos falantes. No artigo, a autora relata que essa subárea da Psicolinguística estuda o que ocorre quando reconhecemos uma palavra, quais mecanismos em nosso organismo são ativados para tal, assim como as partes mínimas interagem para gerar o objeto completo. Ela demonstra, então, as duas vertentes que defendem como se organiza nosso léxico mental: lexicalista e construcionista, explicando cada uma. Estudos mais recentes mostram que é comum a semântica ser abordada em função do fator transparência semântica entre a raiz e a palavra multimorfêmica.

O capítulo 5, *Psicolinguística da Aquisição da Linguagem*, de Cristina Name, relata que a língua é adquirida naturalmente, e não aprendida. É uma capacidade inata que possuímos, assim como andar. A autora explica sobre o período crítico, quando a criança tem maior facilidade em aprender línguas. Segundo ela, a Aquisição da Linguagem pela perspectiva psicolinguística é um processo em que habilidades perceptuais e cognitivas desenvolvidas em seus primeiros anos de vida vão permitir à criança reconhecer as propriedades da língua e se comunicar. Desde sua forma fetal, o indivíduo já reconhece sons e depois palavras, ainda na gestação. Ao longo de sua vida, vai desenvolvendo a linguagem, começando pelos substantivos e evoluindo para verbos e sentenças simples. Até os seis anos, a criança já deve possuir um domínio semelhante ao de um adulto, para fins comunicativos. Para estudar a aquisição, pesquisadores utilizam-se dos métodos naturalista ou experimental, e a autora descreve cada um deles no artigo, exemplificando-os. Os temas de interesse nessa subárea da Psicolinguística são muitos e ainda se produz bastante nas pesquisas, principalmente realizando interfaces com outras áreas.

O próximo capítulo é *Produção da Linguagem*, de Erica dos Santos Rodrigues. Nele, a autora explica que a produção da linguagem é um processo complexo e automático e, em virtude disso, ocorrem lapsos. Por meio da análise desses lapsos e resultados de experimentos, analisou-se os processamentos mentais envolvidos na fala, em que cada componente atua de modo independente, resultado de processamento nível a nível. A autora cita no texto que os lapsos ocorridos durante a realização de uma sentença mostram como se deram os processos dessa produção – citando alguns dos trocadilhos que mostram como a informação lexical é inserida na estrutura sintática. A autora ainda apresenta um teste de produção induzido de erros, cuja sigla é SLIP. No artigo ainda há a descrição de outro experimento, desta vez com imagens e ou descrição de figuras. Sobre pesquisas em andamento sobre o assunto, verificou-se que o sistema de produção da linguagem é modular, mas ainda se busca verificar em que medida há duas propriedades típicas de sistemas modulares. Há também técnicas mais recentes de pesquisas que envolvem rastreamento ocular.

No capítulo subsequente, intitulado *Distúrbios da Linguagem*, de autoria de Lilian Cristine Hübner, é apresentada uma contextualização geral dos estudos que envolvem a Psicolinguística dos Distúrbios da Linguagem. Hübner define Distúrbios da Linguagem como alterações manifestadas na linguagem, podendo ocorrer na produção da fala, na escrita, na compreensão oral ou na leitura. Ela salienta que as causas podem ser genéticas ou adquiridas, podendo ter início na infância, adolescência ou vida adulta. Algumas alterações implicam perdas gradativas das funções executivas, além da linguagem – como é o caso da doença de Alzheimer. Em outros casos, os distúrbios podem ser causados por lesão cerebral focal – sendo que há possibilidade de recuperação da linguagem e das funções cognitivas, dependendo do impacto da lesão. Na sequência, a autora situa a linguagem como um componente da cognição humana e sugere a noção de cognição como um conjunto de habilidades cerebrais/mentais fundamentais para a obtenção de *conhecimento*, tanto sobre si quanto sobre o mundo. Nesse contexto, a Psicolinguística interessa-se em “como” ocorre o processamento da linguagem, e a Neurolinguística inclui o interesse em “onde” o processamento ocorre. Hübner destaca o fato de se poder estudar os fenômenos linguísticos de duas formas: estudos comportamentais ou estudos com equipamentos (medir metabolismo ou atividade cerebral no processamento linguístico). A autora apresenta tipos de estudo e exemplifica, salientando que as investigações na área podem abranger, entre outros, distúrbios nas demências, comprometimento cognitivo leve (CCL) – comuns nas populações idosas; atrasos e desvios da linguagem – comuns na infância; e ainda, autismo, gagueira, epilepsia infantil, distúrbios específicos da linguagem (DEL), dislexia e afasia. Por fim, Hübner destaca o fato que, ao realizar estudos da linguagem nesse contexto, é importante que não se tenha em mente somente as limitações do participante analisado, mas que se tenha foco e atenção nos aspectos preservados.

O capítulo 8 intitula-se *Psicolinguística e Alfabetização*, de Leonor Scliar-Cabral. No capítulo, a autora propõe-se a definir o conceito do título, dando exemplos e explicando os processos envolvidos na aprendizagem da leitura e da escrita, iniciando pelo nível do

domínio dos traços invariantes de que se compõem as letras e dos valores que os grafemas têm. A Psicolinguística aplicada à alfabetização investiga o sistema de escrita e suas características, evidenciando os desafios do aprendiz nesta tarefa. No texto, é feita uma minuciosa explanação sobre todos os sistemas de escrita descobertos até então, dos hieróglifos egípcios aos gregos. É comprovado que os sistemas de escrita das línguas são uma invenção tardia que está sempre em evolução, tentando aproximar-se da representação da fala, e os neurônios da leitura não são programados geneticamente para o reconhecimento da palavra escrita. A pesquisadora demonstra também que, embora os sistemas alfabéticos contemplem o requisito da economia, todos os sistemas de escrita vão de encontro à forma de como os neurônios da visão são programados para descartar informações não pertinentes, pois o sistema de escrita exige a assimetria da informação. Assim, a alfabetização não é espontânea e compulsória, pois os neurônios dessa região precisam ser reciclados. Os sistemas alfabéticos tentam ir de encontro à fala, quando exigem o desmembramento da sílaba. Para finalizar, a autora concluiu que, para tudo isso funcionar na alfabetização, requer-se o compromisso de um ensino-aprendizagem apoiado nas pesquisas com material adequado.

O capítulo a seguir é o capítulo 9, *Psicolinguística e Leitura*, de José Morais e Régine Kolinsky. Nele, os autores discutem que a leitura decodifica o que a escrita codifica. A habilidade da leitura permite o processamento das palavras escritas de uma língua de tal maneira que o leitor reconhece com rapidez e exatidão as palavras orais correspondentes ao símbolo escrito que representa o fonema. A língua falada é adquirida precocemente, desde a infância, e não requer ensino sistemático, enquanto que a leitura e a escrita necessitam de estímulo e instrução, podendo ocorrer em qualquer idade. A Psicolinguística da leitura verifica os mecanismos cognitivos de processamento das informações durante o processo de leitura, criando situações que inferem o processo utilizado. Sobre os estudos da Psicolinguística da leitura, os autores afirmam que nós não temos consciência de processar cada letra de cada palavra. Nos testes realizados na área, deve-se observar algumas variáveis importantes das palavras. Os autores afirmam que a leitura de textos possui problemas específicos, pois na leitura há maior complexidade sintática e informacional, já que é uma criação cultural e requer estudo, treinamento e prática cotidiana para ser aprimorada.

O capítulo 10, *Psicolinguística na Descrição Gramatical*, de Eduardo Kenedy, inicia com a explicação de que a Psicolinguística da Descrição Gramatical pode ser considerada como a inserção de estudos em gramática nos cânones metodológicos da Psicologia Cognitiva e da Neurociência. No decorrer do artigo, o autor compara a metodologia abordada ao usar a experimentação em linguística para elucidar os fundamentos da Psicologia na Descrição Gramatical, com a análise de *corpus* e os julgamentos realizados de modo intuitivo por um falante nativo. Kenedy explica que os estudos da linguagem abordados no capítulo têm como objeto de investigação fenômenos gramaticais que possibilitam a consideração na sua dimensão cognitiva – o que implica o estudo da realidade psicológica da gramática de uma língua natural. Para os que se interessam em compreender melhor os estudos na área, o autor apresenta cada uma das etapas que constituem o protocolo metodológico da pesquisa: técnicas experimentais, tarefa de experimento, delimitação de variáveis, condições experimentais, tratamento de estímulos, distribuição dos participantes e análise de resultados. Como principal linha de investigação, o autor cita a Sintaxe Experimental e destaca o crescimento da área, no sentido de abrir importantes espaços nos estudos da linguística.

Na sequência, o capítulo 11, *Processamento de segunda língua*, de Ingrid Finger, apresenta inicialmente uma contextualização evidenciando o crescente número de usuários de mais de uma língua – bilíngues e multilíngues. Finger caracteriza termos como *língua materna e primeira língua (L1)*; *língua adicional e segunda língua (L2)*, *bilinguismo* e *multilinguismo*. A autora salienta o fato de que nas últimas duas décadas o bilinguismo não se restringiu a um pequeno grupo de falantes; pois tornou-se comum falar mais de uma língua, independente da faixa etária, da sociedade, e é uma característica da maioria dos países do mundo. A autora argumenta que a importância dos estudos envolvendo o bilinguismo justifica-se por oferecerem a oportunidade de se elucidar em que medida os processos de compreensão e de produção da linguagem são dependentes de mecanismos cognitivos. Após apresentar uma retomada histórica englobando os primeiros experimentos envolvendo o processamento de L2, a autora identifica algumas das questões importantes para a área e argumenta que o que define a pesquisa em processamento de L2 é a investigação, a partir das metodologias adotadas, dos processos, mecanismos e procedimentos empregados de modo automático pelos falantes ao usarem a língua. Finger destaca que as investigações na área abarcam fonética/fonologia, morfossintaxe, semântica e pragmática: todos os aspectos da linguagem. Por fim, ela salienta que ainda são poucos os estudos que contemplam interfaces com outras áreas cognitivas, o que oportuniza a consideração dos sistemas de memória, controle cognitivo e atenção, emoção e consciência.

No capítulo 12, *Neurociência da Linguagem*, Anieli Improta França apresenta noções gerais acerca dos estudos da Neurociência da Linguagem, considerada pela autora como o estudo da cognição da linguagem como Neurociência. Nesse sentido, para ela, é uma ciência nova, que traz como proposta um nível de complexidade de pesquisa ainda a ser descoberto. Isso porque a neurociência da linguagem, ao olhar para a fisiologia cerebral, possibilita novidades para a pesquisa linguística. Para corroborar com essa afirmação, a autora apresenta como a linguagem era estudada até então e afirma que a Neurociência da Linguagem se solidifica em direção à caracterização do processamento da linguagem no cérebro. França apresenta alguns dados históricos e difere a *Neurociência da Linguagem*, a *Neurolinguística* (PNL) e a “outra” *Neurolinguística* (século XXI, voltada aos estudos linguísticos). Ela explica a correlação entre aspectos disfuncionais do processamento da linguagem e anatomia cerebral, abordando os estudos de Broca e Wernicke. França apresenta ainda como são realizados os experimentos de linguagem e como estudar os fenômenos. Para isso, ela aborda e explica algumas das técnicas, como ERPs, EEG e fMRI. Como grandes linhas de investigação, França destaca a verificação do curso temporal do processamento, oposições entre Modelos Seriais e Modelos Conexionalista e estudos envolvendo a aquisição da linguagem.

O capítulo que finaliza a obra, *Psicolinguística e Neurociência Cognitiva*, de Augusto Buchweitz e Mariana Terra Teixeira, traz à tona questões como a aquisição, o uso, a compreensão e a produção da linguagem, agregados ao âmbito comportamental e cognitivo do indivíduo. A Neurociência Cognitiva (NC) estuda as bases neurais de processos psicológicos complexos, como a memória e a atenção. É voltada para o estudo da anatomia e função neurais que produzem a cognição humana. Ela estuda a cognição humana, o desenvolvimento dos processos cognitivos e das bases neurobiológicas, do início ao fim da vida. Segundo os autores, A NC busca relacionar aquisição e aprendizagem da linguagem com desenvolvimento do sistema nervoso. Seus estudos utilizam-se de ferramentas de neuroimagem, como RME, explicada minuciosamente no texto. Para as autoras, a Neurociência Cognitiva tem mostrado resultados interessantes em relação à remediação de dificuldades de leitura. As linhas gerais de investigação nessa área estão voltadas ao desenvolvimento da linguagem e à aprendizagem de leitura.

A obra apresentada destaca-se por ser elaborada por psicolinguistas atuantes nas diferentes especialidades e por abarcar de forma direta e clara importantes questões e métodos, sem perder, no entanto, o foco unificador: a Psicolinguística. Desse modo, o leitor tem acesso a um panorama geral sobre as diferentes possibilidades dos estudos inseridos na área e os múltiplos caminhos que podem ser seguidos.

Recebida em 30/01/2016. Aceita em 04/05/2016.